

Intertextualidade e intertextualização; resgate e projeção: o leitor é “o cara”.

Ainda é bastante corrente a concepção de que a produção do sentido está nas mãos do sujeito-autor. Os próprios exercícios de leitura demonstram essa crença. Quando se pergunta a um aluno-leitor o que o autor quis dizer, se está claramente demonstrando que quem diz é o autor. Parece ser tarefa do leitor/aluno-leitor dizer o que o real sujeito do dizer pode ter querido dizer.

O leitor/aluno-leitor é uma espécie de porta-voz cuja tarefa principal é dizer o que um outro disse.

Um outro pedido recorrente feito ao leitor/aluno-leitor é para que ele diga com as próprias palavras o que o texto disse. Aqui julgamos que a entidade texto esteja sendo usada metonimicamente. Algo como o objeto no lugar do sujeito. De novo o que se quer do leitor/aluno-leitor é que ele diga o dito. Essa tarefa o coloca numa posição de passividade que quase faz com que ele se acostume a apenas repetir o que lê ou com as próprias palavras do autor /texto ou com suas próprias numa espécie de paráfrase que não rompe com o dito.

Se fôssemos comparar esses dois sujeitos autor/ leitor/aluno-leitor com o mito de Narciso e eco, poderíamos dizer que, na concepção clássica, o autor seria narciso no sentido de ser aquele que diz, que produz, o ativo, o iluminado. Já o leitor/aluno-leitor seria eco, aquele que escuta, decifra a voz que emana das letras do autor, meio passivo, receptivo-reprodutivo, meio apagado mesmo.

O autor seria a voz, o leitor/aluno-leitor o porta-voz.

Será isso mesmo? Ou uma reflexão sobre o assunto poderia ajudar a redimensionar esses papéis?

Vamos encaminhar nossas reflexões pensando na relação que se pode estabelecer entre autor e leitor/aluno-leitor na interação com textos verbais escritos.

Reflexão 1:

Qual um dos maiores desejos de um autor, desse sujeito todo poderoso, no que tange aos livros que escreve?

Sem dúvida, é o de que sejam lidos. O nome na prateleira de livrarias ou acervos, é certo, pode causar orgulho ao autor, mas se ali forem a sua moradia eterna, o autor, por mais egóico e narcisista que seja, pode se sentir fracassado e até rejeitado. Nunca sai da minha cabeça e do meu coração que um dos grandes desejos humanos é inter-agir, é compartilhar. E é nesse momento, que aquele ser meramente receptivo-reprodutivo, passivo, quase apagado se torna “o cara”.

Como é legal para um autor ver, apenas ver, seu livro na mão de alguém que o adquiriu. Se esse alguém demonstrar que o está lendo, a sensação de quem escreve é de satisfação. Mesmo que depois venha uma crítica. O “todo poderoso autor” quer ser sucesso de crítica e público e uma das marcas desse sucesso é ser lido. Um dos grandes medos dos autores é o de que no dia do lançamento de sua obra ninguém compareça. Depois desse dia o que o autor muito espera é poder fazer uma segunda edição uma terceira...

Já aqui podemos perceber que esse ser tradicionalmente considerado apenas um porta-voz, é, convenhamos, portador também de muita luz, da luz que ilumina o caminho da obra, a faz seguir, crescer, ser reeditada ou não.

Diria junto com o Skank que :

*Escrever e não te ter pra ler
É improvável, é impossível
Escrever e não te ter pra ler
É insuportável
É dor incrível.
É como mergulhar no rio
E não se molhar
É ver alguém feliz de fato
Sem alguém prá amar
É como ir ao Arpoador
e não ver o mar
resumindo:
É como não provar o nectar
De um lindo, de um lindo amor
Depois que o coração detecta
A mais fina flor...*

Reflexão 2

Outro momento bastante eloqüente do papel ativo do leitor/aluno-leitor é a ação de recomendar ou não a obra. O leitor/aluno-leitor é um dos grandes marketeiros do autor. Boca a boca, por e.mail ou outro meio, o leitor/aluno-leitor tem o poder de aguçar a curiosidade de outros leitores. Aquela frase que, muitas vezes, é repetida por atores de teatro no final de espetáculos é muito válida também para os autores. Os atores costumam dizer: “Se vocês gostaram da peça indiquem aos amigos se não gostaram indiquem aos inimigos”. O importante é indicar, recomendar e ninguém melhor para fazer isso, no caso de livros, do que os leitores. Mesmo o crítico especializado, o que ele é? Um leitor. Esse leitor especial tem acesso a meios de comunicação para divulgar as suas opiniões e tem poder de mexer até com o autor. Sei que os autores ficam loucos para ler o que estão falando sobre sua obra. Engraçado: O autor se torna leitor do leitor que avaliou seu livro. Essa mudança de papel mostra como esse leitor específico, o crítico, é poderoso.

Mas os outros leitores comuns também são poderosos. E podem até mudar a opinião dos leitores críticos. O leitor comum recomenda ou não de forma afetiva, emocional. Ele não se finge de imparcial. Ele é lírico mesmo. Não tem medo da primeira pessoa, é: “- gostei ou não gostei”. É algo muito mais genuíno, mais fundamental. Geralmente não se expressam por escrito em mídia impressa oficial, mas têm o poder da voz daquele que leu por motivos que podem até ser o prazer.

Reflexão 3

Essa terceira reflexão tem um cunho mais específico e visa falar sobre uma atividade de leitura que já vem sendo solicitada em alguns ambientes escolares: **a leitura intertextual**. É importante salientar que esse tipo de atividade já é um avanço se comparado com aquela leitura-decodificação, cujo objetivo é a mera extração do “quem”, “onde”, “quando” ainda muito típica de manuais tradicionais de ensino. Mas como é feita essa atividade de leitura intertextual costumeiramente?

Geralmente cabe ao professor mostrar ao leitor/aluno-leitor que um texto possui relações com outros textos. Um texto nunca é puro, todo texto é um intertexto.

Essa “impureza textual” vem sendo explicada pelo professor segundo graus de complexidade:

1- para começar o professor mostra que todo e qualquer texto é povoado de outros textos (vozes) recorrendo ao recurso da citação explícita que tem até que ser marcada entre aspas. Essa é fácil de o aluno perceber. Por exemplo, quando o autor brasileiro Rubem Alves coloca em seu texto a seguinte frase:

“Nietzsche agiu com acerto: batizou o corpo com o nome de GRANDE RAZÃO”, por oposição àquela razão pequena e acessória, que parece residir dentro da caixa craniana”

o leitor/aluno-leitor pode perceber claramente que o texto de Rubem Alves tem uma relação com um dos textos de Nietzsche, já que o próprio Rubem Alves mostra que tirou a citação de um outro texto para desenvolver a sua idéia. Quando esse tipo de intertextualidade se dá, é fácil para o leitor/aluno-leitor resgatá-la. Aliás, no que tange à leitura intertextual, ao leitor/aluno-leitor tem cabido habitualmente a tarefa de **resgate**. É como se o processo ativo de estabelecer relações entre textos coubesse ao autor. O leitor/aluno-leitor deve recuperar os textos entre os quais o autor pode ter estabelecido relações. Já é um passo, mas ainda se pode notar, nessa atividade de recuperação, o traço da passividade, já que está implícito que a ação de estabelecer relação entre textos é cometida pelo autor.

2- um outro grau de leitura intertextual também já vem sendo desenvolvido pela escola. Esse se daria de forma mais velada que o primeiro já que dependeria de um **conhecimento prévio** do leitor/aluno-leitor para que ele conseguisse resgatar a relação entre textos.

Por exemplo: um verso como o seguinte presente na música “*Língua*” de Caetano Veloso:

“Flor do lácio, sambódromo, lusamérica, latim em pó, o que quer e o que pode esta língua?”

Para que o leitor/aluno-leitor possa perceber que Caetano Veloso pode estar estabelecendo uma relação entre sua visão de Língua expressa na letra de sua canção e o poema de Olavo Bilac intitulado “*Língua Portuguesa*”, ele, leitor/aluno-leitor, tem que ter um conhecimento prévio, no mínimo, das primeiras linhas do texto de Bilac em que ele diz:

***“Última flor do Lácio, inculta e bela,
És ao mesmo tempo esplendor e sepultura”***

Esse conhecimento prévio é essencial para que o leitor/aluno-leitor seja capaz de perceber que ambos os autores, apesar de terem visões diferentes sobre a fenomenologia lingüística, estão se referindo à Língua Portuguesa através da expressão ***Flor do lácio***. O que se pretende mostrar é que o trabalho com a leitura intertextual, quando é feito, ainda traz a sensação de que é o autor que comete, pratica a ação de estabelecer relações entre textos. E ao leitor/aluno-leitor caberá resgatar, recuperar ou não essa

relação se esse leitor/aluno-leitor possuir condições repertoriais de conhecimento suficiente para isso.

Apesar de vermos nesse exercício um salto de qualidade rumo a despassivização do papel do leitor/aluno-leitor na leitura, ele ainda traz inerente a sensação de que o leitor/aluno-leitor tem um papel secundário no que tange à produção da leitura e dos sentidos, já que sua função é resgatar, recuperar a ação de estabelecer relações entre textos cometida pelo autor.

3- um outro grau de leitura intertextual que também pode ser trabalhado é o resgate que o leitor/aluno-leitor pode e deve fazer de relações entre textos em que o autor relaciona textos, mas faz essa relação de forma descontínua, isto é, re-significando, re-dimensionando o dito por outrem. Essa re-significação pode conferir ao intertexto um aspecto de crítica, ou de humor, ou de contestação, ou de reflexão, ou de ironia etc. Aqui o conhecimento de mundo do leitor tem que ser acionado com mais profundidade ainda. Vejamos um possível exemplo desse caso.

Muitos livros de Lingüística repetem uma frase de Kant que redimensionou muito a visão científica. Essa famosa frase, sublinhada no trecho abaixo, tem por objetivo mostrar que, ao contrário do que se pensa, uma das providências que a ciência toma para poder estudar um objeto qualquer, é operar reducionismos, recortes nesse objeto para que ele possa ser investigado. Escolhi o trecho de Carlos Vogt onde essa citação kantiana é explicitamente colocada na sua (de Kant) voz. Vejamos o trecho:

“Sabemos com Kant que o ponto de vista cria o objeto, e com Saussure, que a descoberta do elemento é simultânea à do sistema. Dispomos dos utensílios metodológicos necessários: as distinções entre língua e fala, sincronia e diacronia, significante e significado etc.

...

Mas a herança é pesada. Tanto que chega a ser sentida nas mochilas dos próprios expedicionários: o objeto se reduz, as abstrações se insinuam e a função comunicativa encolhe-se no seu aspecto informativo, substantivando a noção de valor, substituindo o jogo da reciprocidade pela partida solitária das informações fornecidas.

Nasce o estruturalismo.

(Linguagem, pragmática e ideologia, 2ª edição, HUCITEC, 1989)

O livro de Vogt tem densa característica acadêmica. O autor se vale da afirmativa Kantiana num capítulo intitulado “os dois labirintos” onde explica, dentre outros aspectos, a dimensão político-ideológica das preocupações com a linguagem dos estudos científicos que duraram até o final do século XIX, mostrando que nesta época os filólogos concordavam em definir a linguagem como expressão do pensamento e o Estruturalismo no século XX que reivindica a função de comunicação como precípua no uso da linguagem.

No prefácio escrito por Rubem Alves para a tese de Victor Tomelin, que se transformou no livro *Pedagogia do silêncio: o tamanho do medo*, Rubem Alves relata quão estranho lhe soou o pedido de Tomelin que queria num trabalho acadêmico escrever sobre o que sofreu ... O Silêncio. Num dos trechos do prefácio, Rubem Alves escreve:

“E Tomelin queria escrever sobre as experiências próprias, o que sofrera, o silêncio. Foi então que pensei que a função do pensamento é precisamente esta, dar instrumentos àquilo que o corpo está sentindo. A

gente pensa para que os sentimentos sejam eficazes. Se ódio, a destruição. Se amor, a apropriação. Na verdade, esta é a primeira discriminação que a criancinha aprende a fazer: “É gostoso, deve ser engolido”. “É ruim, venenoso, deve ser vomitado”. Somente a partir desta questão fundamental, vital, se é bom ou não para ser comido, é que aparecem os primeiros movimentos de exploração da realidade: para saber onde ela é comida, e onde ela é veneno. É o sentimento que constitui o objeto. Seria até possível fazer uma psicanálise de cientistas a partir da forma como eles selecionam constroem tratam e criam os seus objetos Cada objeto de conhecimento é um sonho a ser interpretado.” (Pedagogia do silêncio, Papirus, 1986).

A voz de Kant pode estar presente na frase sublinhada. A sintaxe da frase é a mesma, constituir e criar são sinônimos, o objeto está lá, nas duas citações, como objeto. Mas a voz de Kant está re-significada, re-figurada. É outra a figura, é outro o fundo. A onda da emoção invadiu a assepsia do fazer científico. A faísca do sentimento iluminou a escolha do tema. O corpo, na sua dimensão mais sensitiva e imperativa, constituiu o objeto de estudo. O filósofo abriu mão da razão em nome do sonho. A razão abstrata cedeu lugar ao sentimento-sofrimento.

Ora direis que estou ouvindo estrelas, que estou viajando e que ,de certo, perdi o senso. E eu vos direi ,no entanto, que esse momento de estabelecimento de relação entre textos já tira mais um grau de passividade que vem sendo atribuído ao leitor/aluno-leitor ao longo da tradição. Ele não só depende do conhecimento de outros textos, mas necessita de que o leitor/aluno-leitor re-interprete, re-emoldure a fala, re-contextualize o dito, re- produza (produza de novo) o dizer. Nesse patamar , já podemos nos arriscar a dizer que é o leitor que está produzindo a relação entre textos. A essa ação de produzir relações entre textos por parte do leitor como sujeito ativo vamos dar o nome de INTERTEXTUALIZAÇÃO. Mudamos o sufixo –DADE da palavra intertextualiDADE, para o sufixo –AÇÃO, porque o processo de INTERTEXTUALIZAÇÃO é dinâmico e projetivo. Não é só uma operação de resgate feita pelo leitor/aluno-leitor da “bricolagem textual” realizada pelo autor. É um processo aventureiro. É uma aventura praticada durante o ato de ler que exige destemor, coragem e senso de medida para que a extrapolação não chegue ao “nonsense” do discurso puramente lúdico que, por ser especialíssimo, causa medo e perplexidade, principalmente na instituição escolar, onde não há espaço para “brincadeiras”.

Reflexão 4: o golpe de misericórdia

Apesar de continuar falando da leitura intertextual, vou separar esse item como uma reflexão à parte , porque considero ter testemunhado um momento apical do leitor/aluno-leitor como sujeito inequivocamente ativo. O trabalho que abaixo apresento foi realizado por um grupo de alunos meus do primeiro período na disciplina Português I. Meus agradecimentos a:

CAMILLA SANTOS AMORIM

DAYANE NUNES NASCIMENTO

LUISA DANTAS LODI DE ARAÚJO

TRAJANO GREGORIO

VANESSA BURGOS FINIZIO.

A tarefa era a seguinte: gravei um CD com a música *Rufus Sarampo*. Esta música é um dos funks do CD "*Festa Funk 2006*". Abaixo vai transcrita a letra da música:

*Oi, eu sou o Rufus Sarampo
Eu sou seu esposo??
É sim, seu burro"*

Se me ver discutindo com ele
Tu fica tranqüilo que eu vou dar um papo
Ele tá me sufocando
Quer beijo na boca e um abraço
E depois sai falando besteira
Dizendo que quero ser sua mulher
Experimenta tá na pista e vai dizer como tu é:

Feioso, com a perna raspada,
tu é barrigudo, com a barba falhada,
tem cara de mula, cheiro de porco
e vem tirando onda com a roupa dos outros

Ih gente !
Ele pensa que é forte
geral tá ligado no seu proceder
toma bomba o dia inteiro
para o seu corpo crescer
Ô rala!!!!!!
Fede mais que um gambá
feioso,

acho que tu foi escarrado ou cuspidado, hein ?!
Já falei pra ralar...

Tu é mais feio que um girino
Oi, vai pra...
Puxa, tu é feio hein!?!?

O que eu queria é que esses alunos mostrassem com que outro texto essa canção se relacionava. Na verdade, queria que eles *resgatassem* o funk intitulado Dona Gigi cantado pelo grupo Os caçadores, e mostrassem que o *Rufus Sarampo* era uma espécie de contraponto masculino da Dona Gigi que, na letra da música, é tão desfeiteada pelos MC's. era só relacionar um texto com o outro. Abaixo transcrevo a letra da canção Dona Gigi;

Letra da música Dona Gigi
(Os caçadores)
Eu sou a dona Gigi..
Esse aqui é meu esposo! É sim, é sim!”

Se me ver agarrado com ela separa que é briga, tá ligado?
Ela quer um carinho gostoso,
um bico, dois socos e três cruzados,
Tá com pena? Leva ela pra casa porquê nem de graça
eu quero essa mulher!
Caçadores estão na pista
pra dizer como ela é ...

Caolha, nariz de tomada, sem bunda, pernetta, corpo de minhoca, banguela, orelhuda,
tem unha encravada, com peito caído
e um caroço nas costas.

Ih! Gente, capina, despenca, cai fora, vai embora, se não vai dançar,

Chamei dois guerreiros, bispo Macedo, com Padre Quevedo pra te exorcizar

Oi, vaza!
Fede mais que um urubu, canhão!
Vou falar bem curto e grosso contigo, hein!?
Já falei pra vazar, coisa igual nunca se viu e vai pra...
Puxa, tu é feia!

Se meus alunos tivessem feito um cotejo como o abaixo descrito já teria me dado por satisfeito, pois consideraria que eles entenderam a noção de intertextualidade, ou seja, eles teriam percebido que o autor do funk Rufus Sarampo se baseou no texto e na melodia do Funk Dona Gigi para construir a sua resposta “vingativa” aos homens que reduzem a mulher às suas características físicas como se fosse um objeto de consumo que tem que ser bonita para ser amada . Algo semelhante a “ que me desculpem as feias, mas beleza é fundamental”. Na verdade, o que choca, na letra de ambos os funks, é que é tudo muito explícito, uma linguagem sem eufemismos que causa uma certa estranheza no público. Estranhamente, é também importante dizer que, ao mesmo tempo, que causa estranheza, provoca risos também. Essas coisas incoerentes do ser humano. Mas meus alunos foram muito além do resgate. Num movimento projetivo de verdadeira produção de leitura, relacionaram, para minha surpresa, a figura física de Dona Gigi tal como é descrita na música com um personagem da mitologia grega: as harpias.

Dona Gigi	Harpias
<u>tem unha encravada, com peito caído</u>	Unhas aduncas, mamas pendentes
Ih! Gente, capina, despenca, cai fora, vai embora, se não vai dançar. Eu sou a dona gigi.. Esse aqui é meu esposo! É sim, é sim!”	Eram sempre afugentadas, mas imediatamente voltavam

<u>Fede mais que um urubu, canhão!</u>	Cheiro tão infeto que ninguém podia se aproximar dos restos que deixavam
Mulher feia tudo bem neguinho Agora feia, fedorenta e mentirosa Aí não neguinho, aí eu vou ter que zoar. <i>Puxa, tu é feia!</i>	Representadas por monstros hediondos e fétidos .

Meus alunos praticaram a ação de relacionar textos, mas fizeram isso num movimento de atividade projetiva. Relacionaram a canção com seu conhecimento de mitologia. Eles intertextualizaram, já não se tratava mais de recuperar o que os autores fizeram. O recorte e colagem textual já estava no poder do leitor/aluno-leitor .

Houve quem me perguntasse se isso não era uma viagem delirante. Houve quem afirmasse que os funkeiros , com certeza, nem deveriam saber que as harpias existiam na Grécia. Talvez. Mas isso não importa. A essa altura, o processo de relacionar possíveis textos, isto é, a intertextualização já estava no poder do leitor.

Teoricamente, já há os que dizem que vários sentidos são possíveis , mas, na prática, ainda há muita resistência em se aceitar a polissemia.

No entanto, acredito que a intertextualização deve ser uma ação produtiva de leitura incentivada, desde que haja plausibilidade no estabelecimento das relações entre textos por parte dos leitor/aluno-leitor. Além do mais, esse movimento ativo de intertextualização investe na valorização do conhecimento do aluno, que parece se entusiasmar com o trabalho e dedicar-se com mais afinco à pesquisa, já que está, nas suas mãos, a produção de relações intertextuais. O leitor/aluno-leitor passa a assumir uma espécie de responsabilidade com o que produz. E defende as relações por ele estabelecidas. E o professor , se aberto e atento, pode aprender com o aprendiz e alargar seus horizontes de conhecimentos.

A aventura não parou por aí. Perceberam que o tema da beleza da mulher é recorrente na música popular e intertextualizaram, por contraste, a canção Dona Gigi com a canção Você é linda de Caetano Veloso:

Dona Gigi	Você é linda
1- funk	1- MPB
2- Caolha, nariz de tomada, sem bunda, pernetta, corpo de minhoca....	2- A sua coisa é toda tão certa, beleza esperta
3- banguela, com peito caído	3- Você é forte: dentes e músculos, peitos e lábios
4- Puxa, tu é feia	4- Você é linda, mais que demais.
5- Se me ver agarrado com ela, separa que é briga	5- Gosto de ter ,sentir teu estilo, ir no seu íntimo, nunca me faça mal
6- Vou falar bem curto e grosso contigo, coisa igual nunca se viu e vai pra... <i>Puxa, tu é feia!</i>	6- Você é linda. Você me faz feliz. Esta canção é só para dizer e diz.

Sempre escutei dizer que o verdadeiro mestre é aquele que de repente aprende com o aluno. Mas , quando vamos para a sala com o controle total dos gabaritos, creio ser muito difícil de isso acontecer. A tendência é ficarmos sempre estabelecendo as mesmas relações, reproduzindo os mesmos critérios. Pude observar que a

INTERTEXTUALIZAÇÃO, a produção de relações entre textos realizada pelo leitor/aluno-leitor numa perspectiva projetiva entre o que ele , leitor/aluno-leitor, já leu e o que ele está lendo é um dos caminhos para fazer o mestre alargar seus horizontes de conhecimento e passar a saber de coisas que nunca tinha visto como possíveis. Apesar de sermos competentes professores sempre temos muito o que aprender. Sempre haverá surpresas boas e ruins, é claro, pois não existe vida sem encrenca, nem seres humanos sem feridas.

Especificamente falando sobre o assunto desse texto, diria então que a intertextualidade é produzida pelo autor no ato da escrita, mas que a intertextualização pode ser do domínio do leitor. Essa ação despe, ao meu ver, o leitor da capa de passividade que vem lhe sendo atribuída ao longo dos tempos. A ação de relacionar textos no momento da leitura por parte do leitor de forma projetiva , isto é, a intertextualização faz com que o leitor seja “o cara”.